

# PRECISA-SE:

## bolivianos na indústria de confecções em São Paulo

*Carlos Freire da Silva \**

**E**ste texto<sup>1</sup> discute a situação de trabalho dos bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. Procura-se analisar como as mudanças que ocorreram neste setor de atividades colaboraram para que este fluxo migratório assumisse as dimensões e as características que tem hoje. No final dos anos 80 e, principalmente, no decorrer dos anos 90, a produção de vestuário na cidade passou por um processo de transformação profunda, com a intensificação das terceirizações na gestão de mão-de-obra. O número de empregos formais neste setor diminuiu drasticamente, passando de 180 mil em 1988 para apenas 80 mil em 2000, ou seja, menos da metade (Pochmann, 2004). Estes números não refletem uma perda de dinamismo do setor, ou uma suposta saída em massa destas empresas da cidade, e nem mesmo algum tipo de implemento tecnológico poupador de mão-de-obra. Neste período, a participação deste setor na economia da cidade aumentou e ganhou destaque pelo seu desempenho (Kontic, 2007). Ao mesmo tempo, se difundiam pela periferia da cidade, em algumas partes específicas da zona leste e norte, oficinas de costura subcontratadas que

prestam serviços terceirizados às empresas confeccionistas do Brás e do Bom Retiro, fazendo aumentar o peso de trabalho informal.

Podemos falar em uma afinidade entre o crescimento do mercado de trabalho informal e o crescimento das imigrações irregulares. Por um lado, estes imigrantes teriam um espaço de atuação restrita no mercado e suas oportunidades de inserção na vida econômica das cidades que os recebem costumam ser bem limitadas; por outro lado, a reestruturação das atividades produtivas fez crescer a demanda por trabalhos mal remunerados e abaixo das restrições trabalhistas, onde geralmente os imigrantes não documentados são empregados; e por fim, o aumento da circulação mundial de pessoas, mercadorias e dinheiro criou uma série de oportunidades para negócios baseados nestas transações transnacionais e nas vantagens comparativas entre os países.

No Brasil, o tema das imigrações clandestinas ainda é algo pouco discutido, até porque o país envia mais migrantes do que recebe (Patarra, 2005). A relação com o mercado de trabalho informal só foi pensada do ponto de vista das migrações internas e a formação de um excedente de mão-

de-obra nacional nos processos de urbanização. No entanto, em grandes cidades como São Paulo, a imigração irregular e a inserção destes grupos em mercados informais começa a ganhar importância, mesmo em um contexto em que existe um amplo excedente de mão-de-obra nacional. O fato é que muitas das questões apresentadas acima começam a assumir dimensões urbanas relevantes para a cidade, como no caso dos imigrantes bolivianos.

Desde meados dos anos 80 se intensificou o fluxo de imigrantes bolivianos para São Paulo. Rapidamente eles se tornaram o maior grupo de imigrantes latinos na cidade. Estas migrações não podem ser explicadas apenas pelo argumento das diferenças econômicas entre Brasil e Bolívia, isto não explica o porquê de certos destinos peculiares e nem a ligação com algumas atividades específicas. No caso dos bolivianos, podemos notar que este processo de imigração mais recente está estritamente vinculado ao circuito das confecções. A hipótese trabalhada aqui é de que foram as mudanças no setor de confecções que deram o impulso para que este fluxo migratório assumisse o peso que tem hoje. Há uma relação entre as mediações em

torno das quais a migração ocorre e a sua posterior atuação na cidade no setor de confecções. Não são imigrantes que, uma vez estando aqui, por coincidência, vão ser empregados nas confecções. Eles já vêm da Bolívia com um destino certo de trabalho. Os próprios donos de oficinas de costura tratam de encaminhar as suas viagens, ou então eles vêm atrás de familiares que já se encontram aqui trabalhando com costura. Pode-se dizer que a intensificação deste fluxo migratório está associada às mudanças no setor das confecções na cidade e acompanha o seu desenvolvimento recente, ou seja, é pelas vias desse circuito e pelas redes que se estruturam a partir dele que, em parte, se faz a mediação pela qual se dá sua grande afluência para São Paulo.

### **AGENCIAMENTOS MIGRATÓRIOS: CIRCUITOS CRUZADOS**

O fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo teve início ainda na década de 1950. Neste período inicial as características desta migração eram bem diferentes dos dias atuais. Os primeiros migrantes bolivianos eram estudantes que vieram completar seus estudos e acabavam permanecendo na cidade, atuando como profissionais liberais. Muitos deles vieram por motivos políticos, devido às sucessivas crises governamentais e intervenções militares que o país passou nas décadas de 60 e 70. De forma que o perfil destes primeiros imigrantes é diferente do perfil dos imigrantes mais recentes, além de uma quantidade bem menos expressiva. Em sua maioria, eram imigrantes de classe média, em grande parte com formação em ensino superior, muitos deles tendo se destacado aqui como médicos, dentistas, contadores, advogados. A

própria possibilidade de inserção no mercado de trabalho nacional brasileiro também era outra, quando o país passava por um momento de crescimento industrial vigoroso, durante o período do milagre econômico. A partir de meados dos anos 80, este perfil de imigrantes bolivianos começa a se alterar gradualmente, passando a um padrão de mão-de-obra pouco qualificada em busca de trabalho, em uma quantidade bem mais expressiva e uma forma de ingresso no país caracterizada pela clandestinidade.

As transformações econômicas da Bolívia na década de 80 ajudam a entender a mudança no perfil destes imigrantes. Segundo Sidney A. da Silva (1997), haveria dois fatores que teriam colaborado para intensificar as emigrações no país. Primeiro a crise no setor mineiro, principal atividade econômica do país que acabou gerando certa desproletarização do mercado de trabalho, depois uma reforma agrária que teve como efeito a evasão do campo e o inchaço das cidades em um processo de urbanização que não foi acompanhado de industrialização e formação de um mercado de trabalho estável. De acordo com o autor, foi neste período que a população urbana ultrapassou a população rural na Bolívia, mas como as cidades não ofereciam muitas perspectivas, com os altos índices de desemprego e a instabilidade da economia, muitos bolivianos começaram a emigrar do país. De fato, a Bolívia se tornou um país fornecedor de migrantes. A emigração ganhou tamanho peso no país, a ponto de que hoje se estima que 20% da população viva no exterior, de acordo com informações do Ministério das Relações Exteriores da Bolívia seriam 8 milhões de habitantes e 2 milhões de migrantes espalhados pelo mundo<sup>2</sup>.

No entanto, estas mudanças internas na Bolívia não são condições suficientes para explicar o processo migratório, não se trata apenas das diferenças econômicas da Bolívia com os demais países que recebem seus migrantes. No caso de São Paulo, isto não explicaria as particularidades da migração atual, a vinculação dos bolivianos a um setor específico de mercado e até mesmo o padrão de dispersão destes bolivianos pela cidade. É importante levar em conta quais as condições em São Paulo que criaram canais específicos para a atuação destes imigrantes na cidade. Neste sentido, os caminhos cruzados entre a migração boliviana e a migração coreana parecem ter desempenhado um papel importante.

Segundo a historiadora Keum Choe (1991), os primeiros coreanos vieram para o Brasil em 1962, depois de um acordo entre os governos dos dois países. A princípio, viriam para trabalhar no campo, mas logo muitos deles se mudaram para São Paulo. Na cidade, primeiramente eles passaram a atuar no comércio varejista, mas na medida em que crescia este fluxo migratório, muitos deles passaram a atuar no setor de confecções, produzindo artigos populares de vestuário. Alguns já trabalhavam com este setor antes de terem deixado seu país:

*"(...) quando os imigrantes da década de setenta chegaram, trouxeram consigo capital. Dentre eles, os que trouxeram uma quantidade maior de capital, alguns se estabeleceram desde logo no ramo de confecções, dando continuidade aqui ao que faziam na Coreia" (op. cit, p. 98).*

O sucesso do grupo no setor foi bem expressivo, pois contavam com

um sistema próprio de financiamento<sup>3</sup> e de relações privilegiadas com empresários da Coreia do Sul no setor têxtil, atuando mais tarde também como importadores de tecidos sintéticos (Kontic, 2001). Além disto, no princípio eles utilizavam mão-de-obra irregular, empregando os próprios compatriotas que chegavam à cidade. A Argentina também foi outro destino dos imigrantes coreanos e lá também muitos se estabeleceram na produção de artigos de vestuário. O governo brasileiro chegou a impor restrições à migração coreana na década de 70, muitos deles passaram então a vir para o Brasil entrando clandestinamente pela Bolívia. Passavam algum tempo no país andino, sendo que alguns também se estabeleceram por lá no setor de confecções, até viajarem clandestinamente para o Brasil. Segundo Choe, existiriam até agenciadores coreanos, os chamados *brokers*, que tratavam de garantir as condições de viagem e, sobretudo, a passagem através da fronteira Bolívia-Brasil (1991, p. 111). O Brasil, por sua vez, também serviu de escala para muitos coreanos que tinham como destino final os EUA. Mesmo tendo saído do seu país, eles mantêm os vínculos com sua terra natal, se valendo do desenvolvimento da indústria têxtil e da indústria de máquinas de confecção coreanas, e também desta forma de financiamento baseado no sistema *Kye* para se estabelecerem nos principais centros de produção de vestuário do mundo.

O fato é que estes dois fluxos de imigrantes, que em momentos distintos se direcionam para a cidade de São Paulo, se cruzam e se articulam em torno do desenvolvimento do setor de confecções. O circuito que, a princípio, serviu para a migração dos coreanos passou a ser acionado também para a migração dos próprios bolivianos, cada

qual ocupando lugares distintos nesta cadeia produtiva. Vemos a formação de agenciamentos que cruzam fronteiras, se concentram na cidade e colocam em movimento dinâmicas que se articulam em torno da produção do setor. Os coreanos se destacaram principalmente na década de noventa, apontados como atores fundamentais na reestruturação do setor que já vinha em processo de mudança, devido à estagnação econômica dos anos 80, à maior competição resultante da abertura econômica e a um começo de década ruim para a economia brasileira durante o governo Collor (Kontic, 2001; Garcia e Moreira, 2004). Depois deste período, a indústria de vestuário se reergueu e assumiu papel de destaque na participação econômica do município, sendo atualmente um dos setores que mais agrega valor na indústria de transformação da cidade (Kontic, 2007). Do mesmo modo, foi justamente neste período de recuperação do setor que houve um grande salto na vinda de bolivianos para a cidade, em um fluxo que acompanha as oscilações deste mercado.

Hoje a imigração de bolivianos ganhou densidade e uma dinâmica própria, mas ainda muito vinculada às confecções. Os coreanos não são os únicos a se valerem do trabalho das oficinas de costura dos bolivianos, eles prestam serviços de costura terceirizada à praticamente todos os segmentos de produtos da indústria de confecções e aos outros grupos que atuam como produtores neste mercado como judeus, libaneses, brasileiros e os próprios bolivianos também. Aqueles que já estão na cidade servem de referência e ponto de apoio para que outros bolivianos venham. Ao conseguirem montar sua própria oficina, mobilizam suas redes de proximidade para trazerem parentes, amigos e conhecidos para trabalharem

com costura. Em alguns casos, os donos de oficina aproveitam o período de baixa temporada nas encomendas de costura durante o primeiro trimestre do ano para visitarem a terra natal e voltam com mais pessoas quando existe a necessidade de expandir a capacidade de produção de suas oficinas.

Assim, a viagem costuma ser mediada de alguma forma. É difícil alguém que venha sem nenhuma referência dos lugares que deve procurar e os contatos que precisam estabelecer. Os imigrantes entram irregularmente pela fronteira, ou com documentos falsos, ou com vistos temporários de turistas, e no geral já vêm com as indicações sobre o local de trabalho. Há todo um mercado irregular que se forma pelas oportunidades geradas em torno da facilitação da imigração irregular, seja na falsificação de documentos, na compra de vistos, ou na corrupção de agentes fiscais da fronteira. É um mercado irregular criado justamente em função das dificuldades em fazer a migração de forma regular, e que se transforma em mais um nicho de exploração econômica. De modo que, além dos custos com as passagens, cruzar a fronteira e fazer a viagem até a cidade de São Paulo exige recursos e investimentos por parte do imigrante. Em grande parte dos casos, estes recursos são financiados pelos futuros empregadores em troca dos primeiros meses de trabalho.

Estes agenciamentos que vemos em torno da imigração dos bolivianos articulam lugares distintos através de fronteiras políticas, contornam as regulamentações de Estado e criam canais para a circulação de pessoas, mercadorias e dinheiro. Tais agenciamentos têm na cidade de São Paulo um ponto de ancoragem fundamental que se desenvolve em

torno da indústria de confecções. Podemos dizer que são formas particulares de circulação que se conectam com formas específicas de produção, uma mobilidade que é acionada pela demanda por este tipo de trabalho subcontratado, característico deste setor da indústria paulistana. Por um lado, estes agenciamentos facilitam o processo de imigração ao estabelecerem mediações para que ela ocorra, no entanto, por outro lado, envolvem riscos que se distribuem desigualmente para os imigrantes não documentados que vivem sob a constante incerteza gerada pela imigração irregular em si, que os deixa em situação fragilizada, sem muitas possibilidades de defesa contra a extrema exploração do seu trabalho, sujeitos a multas e sob a ameaça de deportação; e os riscos para os seus empregadores diretos nas oficinas, que podem ter que pagar multas ou até serem presos pelas condições em que mantêm seus empregados e por serem responsabilizados pela promoção da imigração irregular.

### **TRANSFORMAÇÕES DA INDÚSTRIA E A INSERÇÃO DOS MIGRANTES BOLIVIANOS**

Como já foi dito, a indústria de confecções passou por um processo de reestruturação no qual houve uma descentralização na confecção dos artigos de vestuário. A produção passou a depender da interação entre empresas com características muito distintas e com status muito desiguais no mercado, sendo o controle dos momentos estratégicos da produção o fator que estabelece uma hierarquia entre elas. As empresas confeccionistas do Brás e do Bom Retiro diminuíram o tamanho de suas plantas industriais e se concentraram na

criação, modelagem, corte de tecidos e comercialização dos produtos finais. Elas deixaram o padrão de produção em grande escala de uma mesma série de artigos. A terceirização foi uma estratégia de gestão de mão-de-obra para lidar com uma produção diversificada, de séries de pequenas escalas e que mudam constantemente de acordo com as variações nas tendências da moda.

Neste processo houve uma proliferação de oficinas de costura nos bairros das ex-operárias das fábricas, que montavam suas oficinas como uma alternativa ao desemprego. De modo que, através das encomendas de costura, se estabeleceu uma dinâmica que muito concretamente vincula o Brás e o Bom Retiro a alguns bairros da zona leste e zona norte da cidade. As mulheres se organizam entre si e mobilizam as suas redes para conseguir cumprir as encomendas de costura e para tentar garantir as encomendas futuras, o que define um perímetro urbano por onde circulam as encomendas. A inserção massiva dos bolivianos na indústria de confecções ocorre justamente através destas encomendas de costura.

Um dos fatores que ilustram esta relação se expressa na coincidência dos lugares onde eles se concentram na cidade e nas redes por onde passa este circuito. A região do Brás e do Bom Retiro, onde está localizada a maior parte das empresas que produzem roupas na cidade, também apresenta a maior densidade deste grupo de imigrantes. Suas oficinas de costura não ficam exatamente no mesmo lugar em que estão as empresas, mas sim nas áreas próximas e nos bairros adjacentes como Belenzinho, Cambuci, Pari, Canindé onde o aluguel é mais barato, e em áreas de cortiços e nas ocupações de prédios na região central da cidade.

Também estão presentes na periferia, em bairros distantes do centro, em áreas que têm uma relação histórica com estes primeiros polos industriais da cidade e que concentram as ex-costureiras das fábricas. Destaca-se, em especial, a zona leste, por onde circulam as encomendas de costura entre as oficinas dos bolivianos e das ex-operárias das fábricas, nos distritos da Penha, Itaquera, Guaianazes, Lajeado e Cidade Tiradentes. Além disso, estão presentes na zona norte, em bairros da Casa Verde, Vila Maria e Vila Guilherme. Durante nossa pesquisa de campo foram citadas várias referências de lugares em que existiriam grandes concentrações de bolivianos na cidade, todos com alguma ligação com o circuito têxtil. Na região de Guaianazes, por exemplo, mais especificamente no distrito de Lajeado, esta presença de imigrantes bolivianos é significativa a ponto de um dos seus bairros ficar conhecido como o bairro dos bolivianos. Vemos ainda isto ocorrer em outros municípios da região metropolitana como Guarulhos e Santa Isabel, e mesmo no interior do Estado em municípios como Bauru e Americana, acompanhando a dispersão da indústria de confecções. São redes que além de mediar a imigração, também articulam trabalho e moradia.

Em termos da dinâmica das encomendas e do ritmo de trabalho as oficinas de costura dos bolivianos não diferem muito das outras oficinas de costura. Do mesmo modo que nas outras, eles recebem as peças de tecido cortadas e têm um tempo determinado para confeccioná-las. São remunerados de acordo com a produtividade e o volume das encomendas é flutuante. Talvez seja plausível que as oficinas de bolivianos trabalhem por preços melhores e aceitem prazos mais curtos, mas não foi possível averiguar isto. Mas não

parece possível associar o trabalho das oficinas dos bolivianos apenas a um tipo de produção específica de roupas populares de menor qualidade e valor, distribuídas no comércio ambulante. A maioria das oficinas de costura e das empresas confeccionistas em geral trabalha com artigos populares, mas peças de maior valor ligadas à produção de moda também circulam em ambos os tipos de oficinas. O que podemos notar em relação às oficinas dos bolivianos é que, diferentemente das outras, a questão do gênero não se coloca da mesma forma, não há uma predominância de mulheres, os homens também estão presentes neste tipo de atividade e em alguns casos parecem ser maioria. Outra grande diferença está nas formas de permanência dos trabalhadores nas oficinas e nas poucas alternativas dos imigrantes ao trabalho com costura.

A disposição das oficinas para atender as encomendas de costura depende basicamente de sua capacidade de manter os trabalhadores. As formas desta manutenção acabam criando uma grande abrangência no controle das condições de vida dos empregados por parte dos empregadores. Isto é o que diferencia as oficinas de costura dos bolivianos das oficinas das ex-operárias das fábricas. A maneira como os trabalhadores são recrutados, via migração, e esta abrangência sobre suas condições de vida são as características distintivas das suas oficinas de costura. É um circuito de dominação e exploração econômica que se baseia na relação ampliada entre migração irregular, moradia e trabalho. A começar pelo endividamento com o custeio da viagem que garante a permanência do imigrante na oficina enquanto a dívida não for quitada. Silva (1997, pp. 121-4) argumenta que este financiamento pautava uma relação de dependência

entre empregador e empregado do qual se exige fidelidade e quem abandona o patrão que o trouxe é considerado traidor e ingrato. Ainda segundo o autor, este financiamento da viagem criaria um comprometimento com a permanência na oficina a tal ponto dos empregadores preferirem buscar seus trabalhadores diretamente da Bolívia a contratarem os bolivianos que já estariam disponíveis na cidade.

A condição de imigrante irregular também é um elemento importante nesta relação. Ela dificulta e restringe bastante a mobilidade para outros segmentos do mercado de trabalho, de modo que não restam muitas opções além das confecções ou de outros trabalhos informais, como vendedor ambulante que já parece a segunda maior ocupação dos imigrantes bolivianos na cidade. Provoca também uma insegurança constante para o imigrante transitar pela cidade quanto à possibilidade de ser pego pela polícia, ter que pagar multas ou mesmo ser deportado. Além de outros empecilhos no cotidiano como a dificuldade para alugar um imóvel, a impossibilidade de abrir uma conta em banco e os problemas para ter acesso aos serviços públicos da cidade, como saúde e educação. Dentro das oficinas isto é usado para exercer pressão para que o trabalhador não mude de emprego sob a ameaça de ser denunciado à polícia. Por fim, a situação de clandestinidade fornece um diferencial para as relações de trabalho pela impossibilidade de mobilização de um agente público para intervir nos litígios trabalhistas. A mobilização da justiça poderia afetar o próprio denunciante. Deste modo, os litígios trabalhistas tomam a forma de um conflito pessoal entre empregador e empregado. A dependência dos imigrantes em relação ao seu patrão acaba aumentando por causa da situação irregular.

Por último, o fato de morarem e trabalharem no mesmo lugar, às vezes dividindo o mesmo espaço com as máquinas de costura, é um dos fatores mais problemáticos desta relação. Os padrões oferecem hospedagem, o que, por um lado, facilita bastante a acolhida na cidade, afinal como não documentados os migrantes têm dificuldades para alugar um imóvel, mas, por outro lado, amplia as relações de exploração. Há situações em que até a alimentação fica a cargo do dono da oficina. Isto pode gerar descontos na hora dos pagamentos ou conta como parte da remuneração e das supostas 'vantagens' propagadas na Bolívia sobre o trabalho em São Paulo. O fato de morarem no próprio local de trabalho é muito relevante. Os limites do tempo de trabalho ficam menos nítidos na confusão entre trabalho e vida doméstica. De modo que, às vezes, o tempo de trabalho passa a ser dado pela resistência física das pessoas, quando as encomendas são urgentes. Além disto, os ganhos de cada um dependem diretamente de seu desempenho produtivo. A falta de encomendas afeta os rendimentos dos trabalhadores, assim como ter uma baixa produtividade por conta da falta de experiência com a costura ou por ficar impossibilitado de produzir por motivos de saúde. Estas dificuldades podem significar o endividamento. Mesmo quando a moradia não é cobrada espera-se certa produtividade que compense a hospedagem. É uma relação de trabalho individualizada que leva em conta o desempenho produtivo de cada um no processo. Portanto, esta abrangência sobre as condições de vida reflete diretamente nas formas de controle sobre o trabalho. Nem todos moram no mesmo local de trabalho, mas esta associação é muito expressiva e é isto o que leva às situações extremas de exploração,

como tem sido noticiado pela imprensa e pelo Ministério Público do Trabalho, nos casos de trabalho forçado e situações análogas à escravidão, motivadas por dívidas contraídas no próprio exercício do trabalho.

Se no começo as oficinas eram predominantemente de coreanos, agora elas são predominantemente dos próprios bolivianos. Apesar de continuarem prestando serviço para os coreanos e não só para eles. Depois de trabalharem para os coreanos e acumularem experiência no trabalho com costura, os bolivianos abrem suas próprias oficinas para prestarem serviços por encomenda. Podem contar com o empréstimo de máquinas pelos antigos empregadores. Esta transferência de propriedade não é indiferente. Com o aumento da fiscalização, ser o dono da oficina pode ser desvantajoso. O fato dos bolivianos montarem suas próprias oficinas evita uma série de possíveis problemas jurídicos para os contratantes. Em termos gerais, porque eles passam a ter uma relação de prestação de serviços com as oficinas e não mais uma relação de trabalho com os empregados. A subcontratação descaracteriza a relação de trabalho de modo que não há responsabilização<sup>4</sup> pelas condições dos trabalhadores por parte de quem contrata o serviço.

Este é um dos fatores principais para o desenvolvimento destas formas de trabalho: a não responsabilização jurídica das empresas que contratam os serviços. As oficinas e seus trabalhadores são dependentes das empresas e as condições de trabalho que são desenvolvidas por elas refletem as exigências de produtividade impostas em torno das encomendas. Estas práticas não se restringem apenas à produção de artigos populares, mesmo empresas que produzem para marcas e grifes

famosas ligadas ao circuito da moda e grandes redes varejistas também se valem destes expedientes de trabalho. O maior efeito que estas diligências podem ter sobre estas empresas que se beneficiam indiretamente do trabalho das oficinas não é propriamente jurídico, mas sim a maneira como estas denúncias podem afetar a imagem das empresas e de suas marcas<sup>5</sup>.

## CONCLUSÃO

Estas condições da indústria de confecções não são exclusivas de São Paulo ou mesmo do Brasil. No mundo inteiro, muito destes mesmos aspectos do setor se repetem. O que inclui os principais centros mundiais da indústria de confecções em cidades como Nova York (Sassen, 1989), Los Angeles (Bonnachi, 1990), Paris (Kontic, 2001) e Milão (Ruggiero, 2000). Seja nas periferias, nos *'suburbis'*, ou nas *'banlieues'*, repetem-se as características de uma produção domiciliar com o trabalho de imigrantes clandestinos em sua maioria. E isto não acontece como sendo característica de um setor atrasado, mas justamente na medida em que estes setores se articulam em escala global e cresce sua importância na participação da economia de suas cidades.

A afinidade entre trabalho informal e imigração clandestina deriva das configurações do capitalismo contemporâneo. As estratégias atuais de reprodução do capital estabelecem formas específicas de mobilidade do trabalho. Vemos que a imigração dos bolivianos para São Paulo, mais do que uma questão de pobreza na Bolívia, está ligada também a uma forma de desenvolvimento econômico de uma divisão da indústria paulistana. A reestruturação produtiva no setor das confecções deu um grande impulso

para que a este fluxo imigratório assumisse as dimensões que tem hoje, tanto ao criar mediações para o ato da imigração em si como para a posterior inserção dos bolivianos na cidade. Toda uma série de agenciamentos se forma em torno da imigração, articulando lugares distintos através de fronteiras políticas e contornando as regulamentações do Estado para que esta circulação de pessoas ocorra. A própria mobilidade dos imigrantes se transforma em um nicho de exploração econômica pautada em mercados ilícitos para a facilitação da imigração irregular.

Uma vez em São Paulo, a dominação e a exploração econômica nas oficinas de costura estão baseadas na relação ampliada entre imigração irregular, trabalho e moradia. Os mesmos fatores que facilitam a vinda para a cidade como o financiamento da viagem e hospedagem, combinados com a situação irregular e as exigências de produtividade, geram uma dependência entre empregados e empregadores caracterizada pela forte abrangência no controle das condições de vida dos imigrantes por seus patrões. Estes elementos, no limite, podem levar a situações extremas de exploração do trabalho. Mas as empresas que se beneficiam deste serviço terceirizado e que pautam o seu ritmo de trabalho não são responsabilizadas juridicamente pelas condições das atividades nas oficinas.

Isto não quer dizer que a inserção dos bolivianos na cidade esteja restrita a estas formas de trabalho. Até porque, devido a grande afluência de bolivianos para São Paulo em função da densidade que esta corrente imigratória atingiu, outras possibilidades de trabalho aparecem, muitas delas também desenvolvidas informalmente. São possibilidades de trabalho vinculadas à própria comu-

nidade de bolivianos na cidade, como o fornecimento de produtos vindos do seu país e outros elementos ligados a está dinâmica migratória. Serviços diversos que permitem a manutenção de uma relação estreita com a Bolívia e caracterizam um processo de imigração baseado na ancoragem múltipla de comunidades que atravessam fronteiras nacionais e redes sociais que conectam e permitem a circulação de pessoas, mercadorias e dinheiro. São traços peculiares das migrações contemporâneas (Portes, 1997) e elementos que permitem entendermos os sentidos destas experiências migratórias.

\* **Carlos Freire da Silva é Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo.**

## NOTAS

1 - Trata-se da adaptação de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado (Silva, 2008). Pesquisa realizada no período de 2006 a 2008.

2 - O discurso de Evo Morales na edição comemorativa dos 50 anos da imigração boliviana para São Paulo da revista do Centro Pastoral do Migrante é bem significativo em relação ao peso que a emigração tem para o país: "**Mas de la mitad de los bolivianos tenemos algún familiar que vive en el extranjero, sabemos que ustedes son reconocidos por su honestidad u por su trabajo por eso quiero expresar mi máximo reconocimiento y mi admiración por el trabajo de ustedes, gracias bolivianas y bolivianos compatriotas por llevar con orgullo, con valentía, con dignidade el nombre de nuestra querida tierra, no duden de nuestro esfuerzo, desde Bolivia seguiremos trabajando, luchando para que sus derechos se reconozcan en todo el mundo queridos hermanas y hermanos**" (grifo meu).

3 - "Na base das atividades dos coreanos no Brasil existe o Kye, que é uma forma de assistência mútua, um tipo de consórcio financeiro, transplantado da Coreia para o Brasil. O Kye sempre foi considerado como parte integrante da

vida do povo coreano. É uma formação cooperativa tão impregnada na cultura coreana que existe onde quer que haja uma colônia coreana" (Choe, 1991, p. 151).

4 - Esta questão tem levado a discussões conjuntas entre o Ministério Público do Trabalho e a Delegacia Regional do trabalho sobre as implicações da subcontratação para a caracterização legal da relação de trabalho. Neste caso, cogitam o princípio do responsável subsidiário, em que na falta do empregador direto a empresa que se beneficia da prestação de serviço deveria cumprir as exigências trabalhistas. Outro ponto também discutido por ambos é o caráter irregular destas subcontratações, pois terceirizar as atividades fim que constam na razão social de uma empresa é ilegal.

5 - De acordo com o Ministério Público do Trabalho, uma medida que vem sendo adotada quando as diligências apontam estas ligações seria o "Termo de Ajuste de Condutas", em que as empresas se comprometeriam a não mais contratar prestadores de serviços que se utilizam de mão-de-obra irregular sob pena de multas em caso de reincidência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNACHI, Edna

(1989) "Asian and Latino Immigrants in the Los Angeles Garment Industry: An Exploration of the Relationship Between Capitalism and Racial Oppression". *Working Papers in the Social Sciences*. Los Angeles, ISSR. vol. 5, Number 13.

CHOE, Keum Joa

(1991) *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

GARCIA, Renato; MOREIRA, Juan Cruz

(2004) "O Complexo têxtil-vestuário: um cluster resistente". In: COMIN, Álvaro (org.). *Caminhos para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central*. São Paulo: CEBRAP/EMURB/CEM.

KONTIC, Branislav

(2001) *Aprendizado e Metrópole: a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

KONTIC, Branislav

(2007) *Inovação e Redes Sociais: a indústria da moda em São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

PATARRA, Neide

(2005) "Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas". In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo. v. 19, nº. 3, jul/set., p. 23-33.

POCHMANN, Marcio (org.)

(2004) *Reestruturação produtiva: perspectivas de desenvolvimento local com inclusão social*. Rio de Janeiro: Vozes.

PORTES, Alejandro

(1997) "Globalization from below". In: SMITH, W. P.; KORCZENWICZ, R. P. *Latin America in the World Economy*. Westport, CN: Greenwood Press.

RUGGIERO, V.

(2000) *Crime and makets. Essays in anti-criminology*. Oxford: Oxford University Press.

SASSEN, Saskia

(1989) "New York city's informal economy". In: PORTES, A.; CASTELLS, M. e BENTON, L. A. (orgs.). *Informal Economy - studies in advanced and less developed countries*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

SILVA, Carlos Freire

(2008) *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SILVA, Sidney Antônio da

(1997) *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. São Paulo: Paulinas.